

“QUE MEMÓRIAS QUEREMOS TER?” O PERCURSO IMERSIVO-FORMATIVO DE UM PESQUISADOR SOBRE O LUGAR DA REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS EM REDENÇÃO – CE¹

Antônio Wilame Ferreira da Silva Junior – UNILAB/CE

RESUMO

No começo de minha formação acadêmica, ouvi diversas vezes que é necessário manter uma distância entre o objeto e o pesquisador, pois assim, a pesquisa não seria influenciada pelo viés subjetivo do seu autor. Porém, como conseguiria me distanciar do meu objeto se eu o atravessava cotidianamente, a qualquer passo que dava na cidade aquela história se materializava em monumentos, e sua representação repetitiva e desatualizada sobre pessoas negras me causava angústia e indignação. Este trabalho busca apresentar em três atos como foi o percurso imersivo-formativo de um pesquisador diante do seu objeto de estudo, o lugar da representação de pessoas negras na cidade de Redenção, primeira no Brasil a abolir a escravidão, mas que possui um verdadeiro memorial da dor negra espalhado por seu território. Os atos são propostos na seguinte disposição: I. Primeiro vieram as serras; II – Depois o susto; III – Surge na encruzilhada um pesquisador. Assim, o ato I busco narrar como foi o impacto visual que tive com os relevos característicos da região, o primeiro dado que pude contatar ao chegar em Redenção e que em uma dimensão afro-religiosa vai ser concebida como orixá. Já no ato II, trago a experiência que tive ao voltar-se a zona urbana da cidade e encarar o memorial acervo da dor negra presente em seus espaços públicos, através de monumentos que materializam intenções narrativas da branquitude local de remorar a escravidão e abolição com paralelo status de glória. Por fim, no ato III trato da minha formação na UNILAB, universidade essa que considero uma encruzilhada cosmopolita, ao fazer com que diversos povos negros brasileiros e africanos estejam em confluência, na produção de conhecimentos interdisciplinares, como também na construção de uma outra imagem do lugar de pessoas

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

negras na cidade de Redenção, ressaltando a importância que esse contato teve para uma melhor compreensão do meu objeto de estudo. Assim, este trabalho segue como parte da minha pesquisa junto ao Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB, tendo o aporte teórico-metodológico na antropologia, história e geografia.

Palavras-chave: Redenção – CE; memória; percurso imersivo-formativo.

Introdução em três atos

A primeira vez que ouvi falar da cidade de Redenção – CE, foi ainda na infância, durante o ensino fundamental em uma aula sobre a história do Ceará, a professora mencionou que nosso estado tinha sido o primeiro a abolir a escravatura no Brasil e que esse feito teria sido dado nessa cidade. Essa informação se fixou de algum modo no meu imaginário de criança, que aqui em meu estado existia um lugar só de pessoas negras, que lá era bem diferente da realidade da minha cidade natal, Canindé. Lembrar de Redenção durante os anos que se passavam era associá-la a negritude, a luta pela liberdade, por mais que eu nunca tenha lido profundamente sobre como ocorreu a tal abolição, ou mesmo tenha visto outras imagens da cidade, que não aquelas no livro de história da escola.

Essa memória especulativa me acompanhou por muito tempo, de forma consciente ou não, permanecia em algum lugar me (des)orientando para fuga. No ano de 2018, após dois anos de estudo no curso de Teatro da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, me sentia mentalmente adoecido e buscava de algum jeito sair daquela instituição. O modo como uma universidade mais velha se comporta no Brasil, privilegia o eurocentrismo e o branco se torna norma padrão para o sucesso, assim, isso se reflete no currículo dos cursos, no comportamento e na mentalidade das pessoas. Tudo isso era um conjunto de perturbações na minha cabeça, então, no final daquele ano tive a oportunidade de conhecer a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)², e por meio de um processo seletivo ingresso no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades.

² A UNILAB foi criada por meio da Lei 12889 de 2010, sendo uma universidade de caráter internacional ao integrar a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em especial os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

O seguinte trabalho tem como objetivo apresentar do ponto de vista do autor, como foi o processo imersivo-formativo de um pesquisador junto ao seu objeto de estudo, levando em consideração uma escrita ensaísta com flerte na etnografia e autobiografia. Cabe ressaltar, que a investigação sobre a própria cidade de Redenção, entrelaça estudos da história e geografia do município, levando em consideração a pesquisa que desenvolvo junto ao Mestrado Interdisciplinar em Humanidades na UNILAB, denominada “O lugar dos monumentos em Redenção - CE: perspectivas históricas, espaciais e especulativas”³.

A seguir apresento como foi dado esse processo imersivo-formativo em três atos, sendo-os: Ato I – Primeiro vieram as serras; Ato II – Depois o susto; Ato III – Surge na encruzilhada um pesquisador. Escrevo em atos, pois compartilho do pensamento miltoneano de que um ato seria um segmento identificado de uma ação (Santos, 2020, p.79), e que ele não é um comportamento qualquer, mas um comportamento orientado no sentido de atingir fins e objetivos (Santos, 2020, p. 78). Assim, os atos aqui propostos buscam relacionar como o espaço, a história e as relações elaboradas em um determinado lugar, são fundamentais para o processo formativo de um pesquisador, no qual, abordo de maneira ensaística nesta escrita, desvelando minha relação com o objeto estudado.

Por conseguinte, abordar as questões da minha imersão junto a cidade de Redenção perpassa pela história do próprio município, que é considerado o primeiro a abolir a escravatura legal no Brasil no ano de 1883, mas que possui em seu território urbano, um acervo memorial da dor negra. São monumentos que recorrem a imagem de uma mulher negra nua, de um homem negro acorrentado, de glórias eternas aos nomes dos homens brancos abolicionistas. Ou seja, a memória sobre a liberdade de pessoas negras materializada na cidade é recorrentemente associada a representações estereotipadas, sexualizadas e desatualizadas sobre o papel de pessoas negras na abolição local.

Levando em consideração que se, de um lado, estereótipos raciais afirmam uma suposta inferioridade de pessoas negras, de outro, eles reproduzem a noção de que brancos são inerentemente superiores (Moreira, 2019, p. 55). A construção da memória coletiva em Redenção sobre pessoas negras está em partes alicerçada em como a narrativa da abolição é historicamente contada por pessoas brancas, mas sobretudo hoje, no como ela pode ser disputada e reelaborada. Busco neste ensaio, questionar que memórias queremos

³ Esta pesquisa é financiada por meio de bolsa ofertada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

ter em relação a própria história tantas vezes contada, como me situo como pesquisador no meio dessa encruzilhada narrativa e como me relaciono com esse objeto de estudo.

Ato I – Primeiro vieram as serras

Ao final do ano de 2018, chego até a cidade de Redenção, localizada na região do Maciço de Baturité, no Estado do Ceará, município este que de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), possui uma população de 27.214 habitantes, distribuídos em uma área total de 247,989 km², da qual 6,90 km² pertencem ao perímetro urbano. A cidade se destaca pequena na paisagem frontal das serras que se erguem imponentes, caracterizando a região de relevos maciços entre a depressão sertaneja cearense. Dentro de uma leitura geográfica, os maciços são componentes densos, bem agrupados e de distribuição de relevos em determinado lugar, o que dar o entendimento que essa região onde se localiza Redenção é um enclave montanhoso e úmido, entre essa vasta imensidão de sertões.

Esse dado foi a primeira diferença que tive entre o que encontrara em Redenção para o que conhecia em minha cidade natal, Canindé, que também se localiza no Ceará, mas em uma região caracterizada pela depressão sertaneja, sem a presença tão marcante de relevos montanhosos. Os Sertões de Canindé se encontram ao lado leste do Maciço de Baturité, devido essa aproximação geográfica do maciço, faz com que em diversos pontos na cidade de Canindé seja possível visualizar no distante a imensidão do complexo montanhoso que forma a região do maciço. Enxergar essas montanhas desde criança me despertou curiosidade, interesse em saber como era lá em cima, o que tinha depois das montanhas azuis do horizonte. A curiosidade é atendida quando no ano de 2018 ingresso na UNILAB e venho estudar na cidade de Redenção.

Ao chegar em Redenção, as serras me saltaram aos olhos. Ao ver com profundidade que sempre depois de uma serra vem outra mais ao horizonte e a cada nova serra visitada essa continuidade dos relevos se estendia ao meu desvelo. Em uma dimensão descritiva da paisagem dos relevos do município de Redenção, sua topologia é caracterizada entre zonas mistas de sopé (onde se localiza a zona urbana e alguns distritos) e terras elevadas de até 700 metros acima do nível do mar (onde se localizam as demais comunidades do município). É a realza dessas montanhas que se erguem altas, imponentes, consolidadas, que se tornam meu primeiro interesse, não necessariamente como pesquisador, mas como

criança que descobre algo novo. Esse jeito-criança deve ser indispensável a qualquer pesquisador de fato.

As elevações geológicas para além de uma visão exclusivamente geográfica, também são compreendidas por mim através do pensamento afro-religioso, como o orixá Xangô, o senhor da justiça, do magma da terra, das grandes montanhas. Ao subir uma das muitas serras de Redenção, me conecto com a grandeza de Xangô. Esse orixá está nas serras que resguardam as lutas que aconteceram e acontecem nessa região, visualizá-lo está para além do enxergar os relevos, mas seu significado para pessoas pertencentes a comunidades de terreiro. Ou seja, há aqui um jeito de lê as serras como parte significativa de axé, as serras como símbolo de justiça. Encarar a paisagem com essa cosmovisão foi para mim desde o início da morada em Redenção, tê-las como ponto de firmamento aos ancestrais e de compreensão maior sobre o que era essa cidade, como ela se comporta a partir dessa localização. Fazendo conexão com um trecho do livro de Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020), o pensador indígena aborda a importância de uma serra para seu povo.

Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo "não estou para conversa hoje", as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: "Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser" (Krenak, 2020, p.18).

As serras de Redenção também são organismos vivos e simbólicos, a representação afro-religiosa do orixá Xangô, tal como para o povo Krenak, são modos de significação profunda da relação cultural do ser humano com a topologia de um lugar. Para além do encantamento com o visual da paisagem, existe um encantamento da relação do sujeito com a paisagem, sendo ela transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal (Santos, p. 103, 2020) daquilo que mediante o profundo relacionamento, citado anteriormente, gera símbolos e simbologias. Nesse sentido, que minha relação com essas serras me fez refletir e produzir esse ensaio, pois a consoante presença dos relevos maciços também já faz parte de mim, e se mapeia de outras formas com tantas outras pessoas que por aqui vivem ou passam.

Essas questões antropológicas e geográficas são marcadoras para construção de relações sociais de atravessamentos afetivos e produtivos entre as serras e as pessoas.

Percebo que esse complexo relacional, se estende para além dos símbolos, pois do ponto de vista da produtividade de alimentos, essa região também é bem diferente de onde eu venho, pois em Redenção, as plantações de banana se estendem quilômetros e há nas serras árvores frondosas verdes o ano todo. O Rio Pacoti serpenteia entre as serras possibilitando que aqui tenha água corrente o ano todo, as feiras do domingo possuem uma vastidão de produtos serranos, entre outros aspectos dessa produção que me propuseram uma alteridade, mediante a mudança dos relevos.

Fora da zona de relevos, a plantação de cana divide o mapa da zona urbana, de um lado da pista temos a cidade e sua urbanidade, de outro um mar latifundiário com cana-de-açúcar e no meio de tanta matéria prima para a cachaça, está fincado a memória mais brutal da escravidão em Redenção. É nesse momento, em que tiro os olhos das serras e percebo a perversidade que existe na parte baixa, os canaviais ainda são os mesmos do período escravagista e a partir desse lugar da produção de cana-de-açúcar que partem os símbolos vinculados a história da escravidão e abolição em Redenção.

Ato II – Depois veio o susto

Nas primeiras noites em que fui morar em Redenção, tinha sucessivos pesadelos, sempre correndo no canavial noturno. Acordava com angústia do susto de correr de algo que não entendia, mas sentia bastante medo, e me refugiar acordado era comum. Aquela cidade que outrora foi uma idealização infantil sobre o que seria símbolo de negritude no Ceará, agora era como um reduto inconsciente de sofrimento. Mas era quando estava bem acordado, que percebia o circo de horrores racial estampado à monumentalidade pelo qual se serviam ao público. A paisagem urbana de Redenção é marcada pela presença de monumentos históricos, calcados a uma desatualizada equação da representação de pessoas negras = escravas.

A cidade de Redenção ficou historicamente marcada, pelo fato de ser o primeiro município a abolir a escravatura legal no Brasil. No exato 1º de janeiro de 1883, um grupo de homens brancos, incluso entre eles donos de terras e escravos, que formavam a Sociedade Redentora Acarapense, se reuniram na então Praça da Igreja Matriz da cidade para o ato de libertar 116 homens e mulheres negras da escravidão, por meio de manumissão. Cabe destacar, que até o presente momento Redenção não existia como tal, antes da abolição essa cidade era nomeada de Acarape, mas veio a mudar com a lei provincial nº 2167 de 17-08-1889 (IBGE, 2023), que trata sobre a alteração toponímica

distrital. Esse e outros feitos no pós-abolição são marcos para a invenção narrativa que se materializa nesse pequeno município cearense, sendo incluso os monumentos históricos. Em notas etnográficas, a antropóloga Vera Regina Rodrigues da Silva (2017) nos acrescenta, que

O mito redencionista da abolição concedida e festiva perpassa os monumentos locais. Dentre os quais se destaca uma figura feminina: a "Negra Nua", um monumento na entrada da cidade no formato da imagem de uma mulher negra, nua, de joelhos com as mãos erguidas para o alto como em agradecimento à liberdade recebida. Essa imagem está presente nas embalagens de produtos locais (doces e cachaça), decoração de ambientes públicos e outras formas de veiculação comercial. No entanto, é vazia de historicidade, de referencial identitário e sentido político. É uma imagem sem nome, sem referências que atravessa apenas os limites do entendimento de que teria sido uma escravizada que, ao deixar morrer o filho do seu senhor (devido a uma queda), teria sido mutilada (seio cortado) e, após, queimada e enterrada viva na senzala da Casa-Grande (Silva, 2017, p. 75).

Observar o monumento de uma mulher negra nua com os braços erguidos ao céu em tom de agradecimento e ao mesmo tempo submissão, era algo que me fez pensar sempre quem era aquela mulher, será que ela foi alguém importante para a história do município? O Monumento Negra Nua é uma das imagens mais marcantes na paisagem de Redenção, possui uma dimensão de gigantografia⁴, um mosaico em grandes proporções na entrada da cidade, é utilizado como instrumento fixador de uma imagem da mulher negra que se constrói no período colonial e se perpetua ao longo do período pós-abolição como mecanismo de poder (Silva, 2019).

Outra imagem excessivamente recorrente é o uso de correntes em diversos símbolos na cidade, desde a logo da prefeitura ao monumento do obelisco, sendo o último, um grande objeto fálico enfeitado por correntes, que homenageia os homens brancos que compunham a Sociedade Redentora Acarapense. Qual a necessidade da utilização de um instrumento de tortura para narrar uma história que devia ser de liberdade? Essas correntes também serviam de adorno para uma estátua que me causava desconforto, um homem

⁴ Actualmente la gigantografía es un término que se utiliza en el mundo del diseño y de la impresión para hacer referencia a aquellas impresiones o trabajos artísticos que se caracterizan por tener una calidad de impresión de 1200 a 1400 DPI (o puntos por pulgada) así como tener un tamaño de 3 metros de alto y 7 metros de ancho equivalentes a un tamaño estándar; así pues las gigantografías son normalmente utilizadas como avisos, con fines publicitarios, religiosos o políticos o como carteles con información relevante (Ballesteros, 2014, p. 4).

preto sem blusa, de calção branco, correntes nos punhos e tornozelos, um olhar de angústia fixos olhando para o nada, ele não possui nome na sua estátua, e toda vez que estava indo para a casa onde morava na época, encarar aquela estátua me causava espanto, dor e revolta. Esse era Vicente Mulato, teria sido o último a ser vendido como escravo na região, aos 48 anos de idade, passando da propriedade de João Capistrano Pereira para o Cel. Jurumenha (Silva, 2016, p. 16). A imagem da estátua de Vicente é afastada da humanidade e historicidade, em seus olhos só se enxerga dor e vazio.

Na mesma praça onde se localiza essa estátua, está também o busto da Princesa Isabel, pintado em cor dourada, ela possui uma placa de homenagem à redentora nacional “dada” do povo da Redenção, em uma conexão simbólica da abolição local a nacional. Esse contraste me deixava um tanto zangado, como pode no mesmo espaço ter um homem negro exposto até hoje como escravo sem nome e um busto da Princesa Isabel com tantas honras e glórias? Na terra da liberdade negra? O racismo busca a partir de suas facetas não identificar a história de pessoas negras como sujeitos, criando o chamado “Outro”, sempre como antagonista do “eu” (self) (Kilomba, 2019, p. 36), o que no caso de Vicente é elaborado pelo cárcere da imagem e na Isabel pelo coroamento da imagem. Esse retrato faz parte da paisagem, naturalizado, forma-comum do que a história narrada conta sobre a cidade e seus eventos anteriores.

Porém, o motivo que me trouxe até Redenção, insistia em mostrar outra construção espacial e estética de corpos negros. O quadro vivo de pessoas vindas de diferentes lugares do Brasil e dos PALOP, que se encontram na UNILAB e intercambiam culturas, línguas, conhecimentos, ciências, artes, comidas, políticas. Toda uma vida que foge da dimensão de morte da imagem de pessoas negras = escravas, representada nos monumentos em Redenção, foi virada de ponta cabeça e, como numa brincadeira de Exu, me formei pesquisador em uma encruzilhada cosmopolita.

Ato III – Surge na encruzilhada um pesquisador

Ao iniciar minha formação no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, me deparo com um centro dinâmico e diverso de produção de conhecimento nas ciências humanas no Ceará, e ao mesmo tempo, um lugar internacional onde línguas diferentes são faladas nos corredores da universidade. Vindos de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, estudantes africanos e

africanas compõe a paisagem humana mais evidente dessa universidade, e isso a diferencia das outras pelo país.

Ao conectar uma comunidade internacional que tem a língua portuguesa como via comunicativa em perspectivas de um projeto interiorizado e internacionalizado de universidade, a chegada da UNILAB em Redenção impactou diretamente as dinâmicas históricas e espaciais da cidade. Em uma festa no interior do Ceará posso viajar até Maputo – Moçambique e conhecer a dança da marrabenta, ou em uma roda de conversa debater sobre a conjuntura política de Angola junto a quilombolas e indígenas cearenses. A UNILAB é uma encruzilhada cosmopolita, um ponto de acesso a negritudes internacionais. Conhecer e me relacionar com diferentes povos negros do continente africano e do Brasil, destoava da imagem repetitiva e esgarçada de pessoas negras como sujeitas sempre escravas presente nos museus e monumentos de Redenção.

Junto as pessoas, os estudos que acessei neste período formativo me serviu de modo nutritivo para surgir dessa encruzilhada cosmopolita um pesquisador. O interesse pela complexidade fenomenológica do que acontece ao meu redor, tal como os objetos das ciências humanas não se encontram separados, se imprime em minha trajetória de imersão-formação. Nesse sentido, a interdisciplinaridade possibilitou um percurso com fontes diversas e complementares para que pudesse me interessar pelos fenômenos sociais, seus arranjos espaciais e dinâmicas históricas.

Diante desse percurso narrado, ao final do curso propus como Trabalho de Conclusão de Curso o projeto de pesquisa intitulado, “Entre lugares e não-lugares: memórias encruzilhadas pelos símbolos e narrativas da escravização na contemporaneidade de Redenção – CE” (Junior, 2022). Este trabalho foi fundamental para aplicação daquilo que tanto havia estudado no curso, conectando com a realidade vivida em Redenção, ao transformar em pesquisa a experiência de atravessamento e espanto desde minha chegada a cidade. Nele proponho uma metodologia de pesquisa, denominada Encruzilhada Multilíngue⁵, pelo qual utilizo de caminhos-linguagem (audiovisual, imagem, oralidade e escrito) e caminhos-existenciais (vir-a-ser, ancestralidade e sujeito da pesquisa ou exu-pesquisador), para acessar o objeto de estudo de modo a dimensionar sua complexidade por diferentes pontos de análise.

⁵ A metodologia da Encruzilhada Multilíngue se trata de um ponto-riscado para orientações de percursos para pesquisas em ciências humanas e artes, sendo utilizada tanto no campo do meu TCC, como em formações do curso Exu nas Escolas, ofertado pelo Babalorixá Dr. Linconly Jesus Alencar Pereira em 2021 e 2022.

Desse modo, compreendo que chegar até essa pesquisa que proponho no mestrado, só foi possível dado este caminho narrado, que encontra na UNILAB uma verdadeira encruzilhada cosmopolita negra. Demarco que o lugar da formação interdisciplinar e intercultural, me levou a perceber o cenário ao meu redor como um todo constitutivo de conteúdos e ações, em que as ciências humanas buscam compreender pelos seus métodos de análise. Busco dar continuidade a um processo de imersão-formação com atenção a cidade de Redenção, por via da pesquisa interdisciplinar em humanidades, me relaciono com meu foco e objeto de estudo, os monumentos de Redenção, desde dimensões históricas, espaciais e especulativa. É dessa encruzilhada que começo e me recomeço como pesquisador, respondendo minhas dúvidas de criança.

Encruzilhada a frente ou considerações parciais

No ponto de pesquisa em que me encontro, visualizo que ainda há muito a percorrer para uma melhor compreensão do objeto de estudo, ainda mais quando acesso ele diariamente, e a repetição nem sempre é amistosa. Dentro do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades na UNILAB, venho traçando a pesquisa por meio de caminhos metodológicos que encruzilham minha trajetória antropológica junto a história, geografia e arte. Dado que minha produção acadêmica não se restringe apenas ao cenário científico, pois nesse entretempo de campo, tenho como reporte criativo o filme “REDENÇÃO 2083” (2023), que se trata de uma obra audiovisual afrofuturista, proposta para pôr em centro de discussão outra possibilidade dos monumentos históricos da cidade para além do dado escravagista, radicalizando a memória negra local⁶.

Essa encruzilhada adiante é, sem dúvidas, o que me movimenta a continuidade desta pesquisa, o desejo de radicalizar símbolos desgastados sobre a representação de pessoas negras em Redenção. A interdisciplinaridade é também essa encruzilhada, que me direciona de modo imersivo e formativo junto ao objeto de estudo, sem tê-lo como algo distante no qual deveria analisá-lo de forma imparcial. Pelo contrário, tomo posição histórica e criativa justamente pelo atravessamento que esse objeto tem no meu dia a dia, em perspectiva de intervir no espaço e dar vasão a curiosidade de minha criança-pesquisadora.

⁶ Ver mais no artigo do autor “REDENÇÃO 2083: Perspectivas espaciais, estéticas e especulativas do patrimônio simbólico da memória negra no interior do Ceará” (2023). Acesso em: <https://abpn.org.br/wp-content/uploads/2024/03/LIVRO-2023-artefatos-da-cultura-negra-ok.pdf>

Referências

Ballesteros, Oscar Meléndez. **Análisis comunicacional de la percepción publicitaria de los estudiantes universitarios de la UCA del último año de la carrera de Comunicación Social de 2013, sobre la gigantografía gubernamental expuestas en las rotondas El Periodista y Rubén Darío de Managua en el período de Abril a Junio de 2013.** Monografía para obtener el título de Licenciado em Comunicación Social, Universidad Centroamericana, Managua – Nicaragua, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Redenção - Histórico.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/historico> Acesso em: 14 de jul. de 2024.

JUNIOR, Antônio Wilame Ferreira da Silva. **Entre lugares e não-lugares: memórias encruzilhas pelos símbolos e narrativas da escravização na contemporaneidade de Redenção – CE.** Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Acarape, 2022.

Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** / Ailton Krenak. - 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Moreira, Adilson. **Racismo recreativo.** São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

Santos, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. 10. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

Silva, Ester Araújo Lima da. **Narrativas Pós-abolicionistas: a história escrita dos monumentos históricos.** Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Redenção, 2016.

Silva, Geysa Danielle Barbosa de Moura. **Monumento da Negra Nua: símbolo de liberdade ou de aprisionamento.** ANPUH-Brasil - 30º Simpósio Nacional de História - Recife, 2019.

Silva, Vera Regina Rodrigues da. **Entre a “negra nua” e a “cidadania negra” : notas etnográficas sobre identidade negra no Nordeste do Brasil.** In: ALENCAR, Claudiana Nogueira de; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da; COSTA, Nelson Barros da (orgs.). Discursos, fronteiras e hibridismo. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. p. 61-82.

REDENÇÃO 2083. Direção: Jovem Èsù. Produção coletiva. Redenção - CE: Museu da Imagem e do Som do Ceará, 2023. Arquivo digital.